

OS CARREIROS E PEREGRINOS DA FÉ

THE CARRIERS AND PILGRIMS OF FAITH

LOS PORTADORES Y PEREGRINOS DE LA FE

Geancarlo Jayme¹ <https://orcid.org/0009-0006-1359-0769>

Roberta Steward² <https://orcid.org/0009-0004-4304-5046>

Maria Idelma Vieira D'Abadia³ <https://orcid.org/0000-0001-5904-8349>

Mary Anne Vieira da Silva⁴ <https://orcid.org/0000-0002-1789-3365>

RESUMO

Este artigo analisa a persistência e relevância sociocultural da tradição dos carreiros e peregrinos da fé, camponeses que deixam suas residências na zona rural e conduzem carros de boi para participarem de festividades religiosas em cidades do interior goiano, como Pirenópolis e Petrolina de Goiás. Trata-se, majoritariamente, de homens que perseveram um costume familiar transmitido de geração em geração, reafirmando sua identidade coletiva por meio dessas práticas. Apesar das transformações sociais e comportamentais ocorridas ao longo do tempo, o desfile de carros de boi permanece como uma manifestação simbólica de resistência cultural. A cada edição, os eventos atraem novos participantes e fortalecem o sentido de pertença e devocional que caracteriza as celebrações. Neste contexto, surge o problema, com a necessidade de se compreender quais fatores vem contribuindo para o ressurgimento dos desfiles de carro de boi no interior goiano? A análise metodológica tem fundamentação mista com pesquisa de campo (entrevistas) e bibliográficas com os dados qualitativos em resposta aos questionamentos específicos das pessoas entrevistadas. Em resposta ao problema obteve-se os resultados que revelam uma identidade rural que ressurge e se fortalece em um panorama de inovações. Uma identidade que quando ameaçada revela-se mais potente no espaço rural goiano.

Palavras chave: Carros de boi. Peregrinos. Festas. Tradição. Identidade.

¹ Mestre pelo TECCER/Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: geanjayme@yahoo.com.br

² Mestra pelo TECCER/Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: bettasteward@yahoo.com.br

³ Doutora e docente do TECCER/Universidade Estadual de Goiás. E-mail: maria.dabdia@ueg.br

⁴ Doutora e docente do TECCER/Universidade Estadual de Goiás. E-mail: mary.silva@ueg.br

ABSTRACT

This article analyzes the persistence and sociocultural relevance of the tradition of oxcart parades and pilgrims of faith, peasants who leave their rural homes and drive oxcarts to participate in religious festivities in cities in the interior of Goiás, such as Pirenópolis and Petrolina de Goiás. These are mostly men who persevere in a family custom passed down from generation to generation, reaffirming their collective identity through these practices. Despite the social and behavioral transformations that have occurred over time, the oxcart parade remains a symbolic manifestation of cultural resistance. With each edition, the events attract new participants and strengthen the sense of belonging and devotion that characterize the celebrations. In this context, the question arises: what factors have contributed to the resurgence of oxcart parades in the interior of Goiás? The methodological analysis is based on a combination of field research (interviews) and bibliographical data, with qualitative data responding to specific questions from the interviewees. In response to this problem, results revealed a rural identity that is resurfacing and strengthening itself in a landscape of innovation. This identity, when threatened, proves more powerful in rural Goiás.

Keywords: Ox cart. Pilgrims. Festivals. Tradition. Identity.

RESUMEN

Este artículo analiza la persistencia y relevancia sociocultural de la tradición de carreiros y peregrinos de fe, campesinos que abandonan sus casas en zonas rurales y conducen carros de bueyes para participar de festividades religiosas en ciudades del interior de Goiás, como Pirenópolis y Petrolina de Goiás. Se trata en su mayoría de hombres que perseveran en una costumbre familiar transmitida de generación en generación, reafirmando su identidad colectiva a través de estas prácticas. A pesar de las transformaciones sociales y de comportamiento que se han producido a lo largo del tiempo, el desfile de carretas de bueyes sigue siendo una manifestación simbólica de resistencia cultural. Con cada edición, los eventos atraen a nuevos participantes y fortalecen el sentido de pertenencia y devoción que caracteriza las celebraciones. En este contexto, surge el problema de la necesidad de comprender qué factores vienen contribuyendo al resurgimiento de los desfiles de carretas de bueyes en el interior de Goiás? El análisis metodológico tiene una fundamentación mixta con investigación de campo (entrevistas) y bibliográfica con datos cualitativos en respuesta a preguntas específicas de las personas entrevistadas. Como respuesta al problema se obtuvieron resultados que revelan una identidad rural que resurge y se fortalece en un panorama de innovaciones. Una identidad que, amenazada, resulta más poderosa en las zonas rurales de Goiás.

Palabras clave: Carros de bueyes. Peregrinos. Fiestas. Tradición. Identidad.

INTRODUÇÃO

Em Minas de Nossa Senhora do Rosário o ciclo de mineração aurífera se inicia no ano de 1727 com o bandeirante Manuel Rodrigues Tomar descobrindo ouro no rio que ficou conhecido como das Almas. Passados 163 anos, isso é, em 1890, por decreto, altera-se o

nome passando a se chamar Pirenópolis, cidade do interior goiano (JAYME E JAYME, 2002, p. 26).

Uma extensa região de terras pertencia à Minas de Nossa Senhora do Rosário e neste contexto, abrangia as terras da bacia do córrego do descoberto em que um proprietário de terras conhecido por Joaquim Pedro doou terras para a construção de uma capela dedicada a Santa Maria Eterna. Inicialmente chamado de Descoberto este povoamento passou a ser distrito de Jaraguá em 1932, até que em 1943 o nome foi mudado para Goialina e passados mais cinco anos cria se o município de Petrolina de Goiás, com um decreto de fundação datado de 08 de outubro deste ano de 1948 (<https://petrolinadegoias.go.leg.br/historia/>).

Ambos os municípios são conectados territorialmente e se entrelaçam culturalmente com intensa influência do viver do homem sertanejo goiano. E um desses aspectos é a proposta de análise em questão.

Ao analisar eventos religiosos no contexto camponês de Goiás, torna se necessária uma atenção mais apurada para perceber e compreender as manifestações culturais e espirituais presentes. Essa análise exige um olhar sensível, aliado à capacidade de ouvir, sentir e comunicar-se adequadamente, de modo a garantir o entendimento pleno dos aspectos significativos que caracterizam tais eventos. O entendimento das partes que compõem o processo estudado está relacionado em uma teia de significados e cabe ao pesquisador analisar, entender, decifrar aspectos simbólicos pertinentes que são apresentados na conjuntura que se desenvolve durante a sua realização (Análise própria).

Aquele que realiza a pesquisa necessita ter uma visão estendida do evento, uma compreensão do passado e do que se vive no presente (BLOCH, 2002, p. 30). Neste cenário que é apresentado, a ruralidade goiana, é observado uma reorganização e ressurgimento das comitivas de carros de boi com sua representação fortemente simbólica constituída de uma manifestação extremamente impactante quando se apresenta (Análise própria). Com sons peculiares, um intenso aspecto melancólico e o campo religioso católico que é representado em romarias, como a de Trindade/GO, que é conhecida nacionalmente a comitiva se apresenta e provoca reflexões por aqueles que olham a passagem do agrupamento.

Vale mencionar que a religiosidade camponesa é conhecida como catolicismo popular (BRANDÃO, 2010, p. 10). A religião católica se expande pelo sertão goiano tendo como propulsor os religiosos e que conforme o grupo dominante local se modifica adaptando se às

particularidades, sendo reelaborada com as devoções populares promovendo novas peculiaridades. Assim, há diversas comitivas de carreiros em Goiás, mas, este estudo será centrado nas que percorrem as ruas de Pirenópolis e Petrolina de Goiás.

Em Goiás, durante o período da colonização portuguesa vários costumes foram sendo introduzidos na realidade escravagista mineradora (D'ABADIA, 2010, p. 95). As festas religiosas foram hibridizadas criando algo peculiar naquele espaço. Com o passar dos anos estes eventos religiosos foram sendo modificados acompanhando as mudanças nas sociedades e a continuidade em muitas realidades foi uma constante em maior ou menor intensidade (D'ABADIA, 2010, p. 95).

As festas no meio rural goiano têm suas origens no continente europeu pois, com a chegada dos portugueses na região de Minas de Nossa Senhora do Rosário, estes lusos foram implementando suas atividades comemorativas, neste espaço, em sequência estes festejos religiosos foram propagados para os campos rurais.

As festas relacionadas à produção agrícola, denominadas de colheitas, então:

Tens suas origens remotamente no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (com dias mais longos nos dias 22 ou 23 de junho) véspera do início das colheitas. No hemisfério sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno (noite mais longa do ano). Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também, foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo e trazido pela igreja católica para o Novo Mundo. A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a elas se mesclaram na Europa. O ciclo das festas juninas gira em torno de três principais datas: 13 de junho, festa de Santo Antônio; 24 de junho, festa de São João e 29 de junho, festa de São Pedro. Durante esse período, o país fica praticamente tomado por festas. De norte a sul do Brasil comemora-se os santos juninos, com fogueiras e comidas típicas (AMARAL, 1998, p. 66)

Com celebrações, cultos de devoção aos deuses para a proteção e colheitas abundantes do ciclo agrícola as festividades no continente europeu foram realizadas. O cristianismo absorveu essas práticas pagãs homogeneizando e expandindo para as Américas com novas características incorporadas e controladas pela cristandade criando um ano com datas fixas no calendário Cristiano. (D'ABADIA, 2010, p. 16).

Desse modo a igreja apoderou-se das festividades pagãs retirando as comemorações e retribuições à natureza, pela colheita, e redirecionando todos os agradecimentos e oferendas para um “Deus” único e supremo (ELIADE, 2018, p.55). As festividades alteraram o percurso de uma ordem da natureza para datas santificadas oriundas do calendário cristão.

Destarte, com as festas de colheitas, o carro de boi foi inicialmente introduzido como um componente para auxilio no trabalho nos campos. No primeiro momento utilizado como um meio de transporte da produção camponesa e para o uso dos trabalhadores constituindo um artefato que coaduna com a “lida” no campo. Este veículo também foi muito utilizado como meio de transporte para viagens, das mais variadas optações.

O primeiro carro de boi chega a Goiás por volta de 1800 a partir do processo de ocupação do interior do Brasil, a “marcha para o oeste”. Não apenas os carreiros, mas também os tropeiros serviam como vetores de comunicação e transporte até a chegada das ferrovias, no final do século XIX. Vindos de São Paulo e Minas Gerais, ambos foram causa e efeito do desenvolvimento regional através do crescimento de suas atividades (AQUINO, 2007, p. 102).

Há uma característica que demarca a singularidade deste veículo de tração, ele é puxado por bois, construído artesanalmente com madeiras, partes em ferros sendo, parafusos e pregos. É um veículo que anda devagar e que ao ser movimentado origina um som peculiar característico resultante do atrito das rodas de madeira e dos eixos, também do mesmo material. A parte de metal compõe as junções e uma capa que proporciona maior resistência às rodas.

Cada carro produz um timbre, um som peculiar característico que o especifica propriamente. “O som que é produzido ao movimentar o carro de boi individualiza cada veículo, e é conhecido como sendo a voz do carro ou o som do carro” (AQUINO, 2007. p. 96).

O canto do carro de boi é uma de suas características mais apreciadas, como coloca o carreiro Wilson: “o segredo do carro é cantá. Se ele não cantar fica sem graça! Tem que ter o barulho. Aí perde a noção da peça. Peça boa é a cantiga do bicho” (Wilson, 2006 e.4).

No início dos anos um mil e oitocentos, segundo Aquino (2007, p. 102), há uma transição com o fim da mineração para o início do ciclo agropastoril. Este fato promoveu intensamente a ruralização e em específico no caso pirenopolino por aproximadamente cem

anos a pecuária se tornou atividade essencial no comércio local. Este cenário fomentou uma agricultura de subsistência em que praticamente todos os tipos de gêneros alimentícios necessários para a sobrevivência eram produzidos localmente.

Nessa conjuntura de trabalho no campo o sertanejo passou a fazer uso dos bovinos como animais de tração, nas propriedades rurais e nas viagens dos comerciantes. A demanda por sal e alguns gêneros alimentícios era atendida por meses de viagens nesses veículos. As rotas mais comuns utilizadas tinham como destino São Paulo e Minas Gerais. Lembrando que a capitânia de Goiás foi território paulista até 1749, quando após essa data se torna capitânia independente (AQUINO, 2007, p. 102).

Muito utilizado nas atividades agrícolas no século XVIII, XIX e XX, no sertão goiano, no início do século XXI o veículo adquiriu uma nova característica. Com o desuso do item nas atividades agrícolas, em decorrência da modernização no trabalho no campo, o carro de boi passou a ser comumente utilizado como veículo de peregrinação.

Insta mencionar, conforme apontamentos de Eliade (1999) a retomada e reapresentação de eventos sagrados, como a peregrinação em carros de boi, remontam um passado mítico, um tempo litúrgico que tem muita representatividade social. A atualização desses eventos proporciona um reintegrar-se a um tempo sagrado e sair da rotina diária que seria considerada um tempo profano. O evento de uma comitiva de carros de boi pode ser considerado como uma atividade que revela a intencionalidade da espiritualidade religiosa do homem sertanejo.

Essa tradição é repassada de pai para os filhos, essencialmente no meio rural e há de se ressaltar que em ampla maioria é de prole masculina, já que foi por muitos anos um fato incomum visualizar carreiros do sexo feminino. No entanto hoje a mulher tem o seu destaque dentro dos grupos de carreiros, pois compartilham da “lida” com os bois e demais afazeres na romaria.

Atualmente se visualiza a mulher conduzindo o carro de boi, às vezes a frente de uma comitiva ou junto com seu pai e esposo, participa ativamente dos eventos de carreiros, vai na comitiva não somente para cozinhar, ou rezar, vai para o trabalho com o gado, pois, sabe desempenhar as manobras com o rebanho.

No livro *Tantos Cerrados*, Almeida (2005) entende que as simbolizações unem paisagem e tempo com as festas e as paisagens tem um caráter de refuncionalização,

conformando-se mediante vivencias e significações. Pois os símbolos são instrumentos de representações de coisas do mundo real, tendo o mundo rural e o urbano, paisagens com linguagens simbólicas.

Nesse caso, não estão presentes apenas a cultura cristã no teor católico ocidental, mas a passagem de significação da paisagem com leilões, danças, disputas, atos de criação de identidades de festeiros, donatários. Para que isso ocorra, o campo e a cidade se preparam num ato de refuncionalização de suas paisagens (ALMEIDA, 2005, p. 49).

Assim, o presente estudo problematiza a preservação das memórias associadas aos carros de boi e as práticas culturais que permeiam essa tradição. Notabilizando que a prática vem sendo retomada com mais veemência e de contumaz realização esse movimento evidencia um processo de ressignificação cultural do território, em que o espaço rural é reinterpretado a luz da memória coletiva e das experiências compartilhadas.

Outra observação é que as famílias unidas realizam a carreata de carros de boi possuem terras e trabalham no meio rural, algumas tem casas em pequenas ou médias cidades. Mas que consideram uma memória coletiva inteiramente relacionada ao meio rural e que desfilam nas cidades num misto nostálgico religioso que constituiu uma tradição.

Nas muitas atividades relacionadas aos carreiros, ao homem, que é quem fará o trabalho, considerado pesado, para o uso do carro de boi, primeiro é a constituição e o preparo do veículo que é por vezes realizado por profissionais na construção do carro, segundo é o adestramento dos animais que serão utilizados na tração e por último a preparação e organização para o desfile e a peregrinação.

Quanto a alimentação dos animais é um cuidado à parte, pois são separados os melhores e maiores bois para fazerem parte de um desfile, são meses de preparação e adestramento. A forma de cuidar e alimentar os animais antes da peregrinação ocorre meses antes, pois são escolhidos os melhores e a mais adequada alimentação para tratar esses bois bem como a confecção do carro e o tipo de palha a ser trançada envolta no carro, há ainda um comércio de quem faz o carro as rodas e todos os adereços.

As mulheres muitas vezes ficam responsáveis pelo preparo dos alimentos, as roupas e utensílios a serem utilizados no evento. A presença feminina é de extrema relevância pois, a organização alimentar é na maioria das vezes realizada por elas.

A partir de 1930, com as reformas estruturais da Belle époque, Goiás começa um conjunto de reformas estruturais, com a construção da nova capital, a reforma de prédios públicos e religiosos com o propósito de reestruturação das ruas, mais largas, e construções reorganizando o espaço num contínuo processo modernizante. É neste cenário o carro de boi passa a ser associado como um símbolo de atraso social, um contraponto aos automóveis à combustão.

Com a asserção progressista em pauta as autoridades públicas levantaram várias propostas para extinguir tudo aquilo que remetesse a atraso e decadência. Várias retaliações foram impostas acabando por causar uma drástica redução do número de carros de boi nas cidades, um contraponto a ser citado era, os cravos das rodas que por vezes danificavam as ruas e outro de relevância era as fezes dos animais que ficavam visíveis. Como resultado, o carro de boi aos poucos passa a ser utilizado somente para atividades no meio rural e nas roças.

PROBLEMA

O problema da análise vem demarcando as seguintes indagações, qual a importância de preservar memórias como as dos carros de boi e as práticas culturais que estão envolvidas nessa atividade? A que se deve a retomada, com tanta efervescência, dos carreiros de boi no interior goiano? E por fim, como compreender que, em um contexto acelerado de avanço tecnológico, no meio rural e de forte desenvolvimento agroindustrial, manifestações oriundas do universo agrário tradicional passam a adquirir relevância e notoriedade na atualidade?

O problema central que se coloca nesta investigação refere-se à compreensão da relevância contemporânea de práticas culturais enraizadas no universo agrário tradicional, em especial os desfiles e as comitivas de carros de boi, no contexto do interior goiano. Tal questão suscita indagações acerca da importância de se preservar memórias coletivas e identidades locais que se materializam nessas manifestações, ao mesmo tempo em que se observa sua retomada com intensidade e efervescência em um cenário marcado por transformações socioeconômicas profundas.

Como explicar que, diante do avanço tecnológico, da modernização das atividades agroindustriais e da crescente urbanização, práticas culturais que remontam a modos de vida

rurais antigos passam a conquistar visibilidade, reconhecimento e participação social? Em que medida tais manifestações podem ser compreendidas como formas de resistência cultural, de reafirmação identitária ou de reconfiguração simbólica da tradição? Dessa forma, o problema de pesquisa articula-se em torno da necessidade de investigar os fatores históricos, sociais e culturais que explicam a permanência, a ressignificação e o fortalecimento dos carros de boi enquanto expressão cultural que desafia o aparente distanciamento entre tradição e modernidade.

Essas indagações apontam para a necessidade de compreender o fenômeno não apenas como uma expressão da resistência cultural, mas também como movimento complexo de fatores que agrupados revelam a intensidade de reafirmação identitária e de valorização do patrimônio das comunidades rurais, em diálogo com as transformações socioeconômicas contemporâneas.

ANÁLISE METODOLÓGICA E OBJETIVOS

Os materiais utilizados na pesquisa de campo são baseados em questionários onde se fundamenta na coleta de dados diretamente na fonte, que são os carreiros participantes, e foi realizado baseando-se em um prévio planejamento de estruturação das perguntas abertas e fechadas.

A aplicação ocorreu, de forma presencial, em dois momentos, um em Pirenópolis no evento de São Sebastião e o outro em Petrolina de Goiás com os oragos, Nossa Senhora Aparecida e da Santíssima Trindade. Respeitando sempre os critérios éticos de forma a garantir a confiabilidade da amostra representativa.

Estruturando a pesquisa os questionários foram confeccionados considerando o problema e os objetivos da pesquisa, a metodologia mais adequada de acordo com os hipóteses de se conhecer a motivação da retomada tão efervescente das comitivas de carros de boi em dois municípios do interior goiano.

O arcabouço metodológico, diretamente na fonte, se baseou em questionários aplicados com a participação dos carreiros e pessoas que das mais diversas funções que compõem a comitiva no espaço destacado. Juntamente com uma análise bibliográfica relacionando termos que remetem a ruralidade sertaneja goiana essencialmente atreladas no

resgate dessa tradição. Destarte, que o trabalho de campo, com diálogo com participantes da carreata de bois, é essencial para análise e constitui-se como elemento central da metodologia. Esse costume permite compreender a festa como espaço vivido, a manutenção e resgate de um passado nostálgico com costumes e atitudes que rememoram um passado que é reapresentado anualmente. Ressalta-se que a pesquisa se consolidou como de caráter misto, considerando a pesquisa de campo e bibliográfica e de dados qualitativos em resposta à qualidade das respostas respondidas.

A pesquisa com os carreiros forneceu informações dos participantes constituindo uma análise mais próxima da realidade que respondeu ao questionamento sobre o ressurgimento/renascimento das comitivas de carros de boi na sociedade pirenopolina e petrolinense.

Os objetivos têm como pressupostos acompanhar o desenvolvimento e percurso das comitivas de carros de boi, entender o contexto dos participantes e buscar explicações dos motivos que esclarecem o ressurgimento dessa prática que outrora foi associada a atraso e decadência.

O RESSURGIMENTO DAS PRÁTICAS DOS DESFILES DOS CARROS DE BOI NO SÉCULO XXI

No contexto, pirenopolino, a observação começou a partir de uma comitiva saiu de Caxambu, um distrito de Pirenópolis, com destino ao município daquela cidade. Essa primeira comitiva, referente a festa de São Sebastião, faz o percurso no dia vinte de janeiro e a segunda comitiva referente a Nossa Senhora da Abadia em quinze de agosto para o distrito de Posse da Abadia. Os carreiros saem de uma fazenda chamada “Mar e Guerra” bem próximo a cidade com destino a Posse da Abadia (Abadiânia velha).

Figura 1 e 2: Desfile em Pirenópolis e carreiros nas ruas da cidade



Fonte: Geancarlo Jayme 25/01/2025

Figura 3 e 4: Carros de boi e São Sebastião



Fonte: Geancarlo Jayme 25/01/2025

Essas fotografias tem como referência uma comitiva de carros de boi que desfilou em Pirenópolis em vinte e cinco de janeiro de 2025. Foi um sábado, normalmente os desfiles ocorrem no sábado ou no domingo. Esses carreiros saíram da fazenda “Mar e guerra”

próxima da cidade e fizeram esse percurso no período matutino, atraiu muito a atenção e foi um momento impactante para todos que presenciaram a efervescente apresentação.

Este ano este grupo de carreiros irá para o desfile de Nossa Senhora da Abadia de Posse D'Abadia, conhecida como “Abadia Velha” que é um pequeno distrito próximo a Pirenópolis,’ segundo alguns componentes da comitiva o percurso será percorrido na data de quinze de agosto do corrente ano.

Em realidade Pirenópolis se caracteriza como um importante polo de turismo no estado de Goiás, conhecida nacionalmente, mas, ainda existe muitos produtores agrícolas e a criação de bovinos é uma realidade visível em várias regiões do município, o que coaduna com as práticas da comitiva de carreiros de carros de boi.

Conforme vizinho territorial, o município de Petrolina de Goiás tem como base principal de economia a produção leiteira, está em constante crescimento, com informações precisas e que de acordo com dados da economia agrícola o município passa por períodos com fases de altas e baixas de produtividade. Essa informação com base nos dados do Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos (IMB 2022), e esse fato pode ter relação com o período de chuvas e de seca.

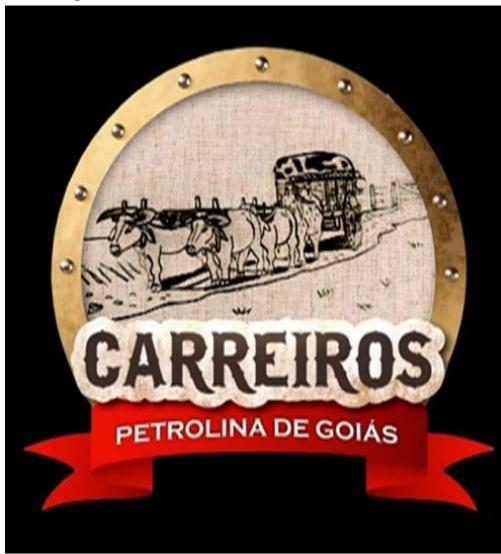
Insta mencionar que em ambos os municípios, como no início do século dezoito, há muitas pessoas que possuem propriedades no campo e uma parcela significativa possui casas em pequenas cidades. Em praticamente todos os envolvidos, nas comitivas, há uma ligação com o meio rural, o trabalho nos campos e o campo religioso popular.

Atualmente vem acontecendo anualmente, já há alguns anos, a festa dos carreiros na cidade Petrolina de Goiás, está no seu 4º desfile, nos meses de maio/junho. A festa surgiu através da percepção de que o município existe um número grande de carros de boi. Há uma intensa participação nos desfiles, são mais de 150 integrantes, da cidade e regiões vizinhas. Esse desfile ocorre nas principais ruas da cidade onde as populações urbanas e rurais comparecem com grande volume para ver e aplaudir.

Na comunidade de Petrolinense há uma Associação de Carreiros, presidida por Irai Andrade, documentada, sendo que essa associação tem como integrantes os carreiros da comunidade rural, principalmente da Fazenda Barreirão. Vários encontros ocorrem durante o ano com a finalidade de promover a atividade e organizar comitivas para a realização de desfiles.

Na cidade de Petrolina de Goiás a prefeitura até criou a logo da festa, como na figura:

Figura 5: A Logomarca da Festa dos Carreiros de Petrolina de Goiás



Fonte: Roberta Steward 25/05/25

Essa logomarca se caracteriza como um desenho de estilo rústico de um carro de boi sendo puxado por bois, representando claramente a atividade tradicional de transporte de cargas que era muito comum no interior goiano.

A palavra carreiros aparece em letras grandes, com estilo que remete a madeira ou textura rústica, reforçando o vínculo com o trabalho rural.

O efeito circular acima do veículo remete a uma ferradura, utilizada para “calçar” os cavalos. A escolha do estilo artesanal e da iconografia rural reforça a ideia de preservação cultural e memória histórica.

Das informações captadas pelo trabalho de campo foi extraído as seguintes informações em Petrolina (GO): O desfile de carros de boi, se tornou muito popular, e a cada ano tem mais frequentadores nos dias da festa, são pessoas vindas das cidades vizinhas, mas principalmente das fazendas da região para participar do evento.

Já são conhecidos os participantes e comitivas que provêm das cidades circunvizinhas e próximas como Damolândia, Ouro Verde, Jaraguá, São Francisco, Santa Rosa, Jesúpolis e Pirenópolis. Mais de 150 carros de boi participam desse desfile.

Vale ressaltar que, essa prática propõe a confecção de uma conjunção de pessoas oriundas do meio rural demarcados como sertanejos. E que antes era realizado apenas o encontro de carreiros provenientes de um único município, logo, o evento foi se tornando popular e atraindo pessoas de uma extensa região com vários municípios envolvidos na atividade.

Cada veículo à tração bovina é composto por cerca de seis ou oito animais andando dois de cada lado. No entanto eles chegam para o evento um dia antes do desfile e ficam em chácaras nas redondezas de Petrolina/Go, nos dias que antecedem a festa, os bois são sempre muito bem cuidados e tratados, pelos donos pois são escolhidos para a peregrinação aqueles que tem um melhor porte.

Nesse pernoite que antecede ao desfile os bois ficam soltos nas pastagens em chácaras ou barracões de lona mais próximos da cidade, que são locais organizados pela comitiva ou prefeitura. Sempre tem um local para os animais descansarem e se alimentarem e as pessoas envolvidas comerem e descansarem para no dia seguinte seguirem para o desfile.

No momento em que estão desfilando os carreiros ganham ainda o almoço no término do desfile, normalmente um arroz carreteiro com churrasco. Para ter direito à comida e o pernoite somente os que estão desfilando e o carro de boi deve estar catalogado junto a prefeitura local.

Esse desfile de Petrolina de Goiás, acontece geralmente no mês de maio/junho devido ao período de seca e estiagem, pois é mais eficaz andar pelas estradas sem a chuva e a lama. “O pó da estrada jamais detém aqueles que percorrem longos caminhos a pé, guiando seus bois por estradas de cascalho nas roças ou sob o sol escaldante do asfalto; movidos pela fé, avançam obstinadamente até alcançar seu destino” (Análise própria).

No dia do desfile, os romeiros da fé não economizam nos ornamentos. Muitos destacam imagens de Nossa Senhora Aparecida ou da Santíssima Trindade em seus carros de boi, decorando-os com fitas, flores e mantimentos como frutas, cachos de bananas e plantas, cada um conforme seu próprio estilo e devoção

Em realidade há vários modelos de carros de boi, cada um com um tipo de indumentária ao gosto do carreiro.

Figura 6: As indumentárias no carro de bois



Fonte: Roberta Steward 25/05/25

Figuras 7 e 8: Identificação da fazenda e bandeira do Pai eterno



Fonte: Roberta Steward 25/05/2025

Ao observar os ornamentos em cada carro de boi, nota-se a esteira que envolve o veículo e sustenta toda a parte externa, formando um arco. Confeccionada por Josias, da Fazenda Cachoeira, no município de Petrolina de Goiás, essa esteira pode durar até seis anos,

desde que bem cuidada pelo dono do carro, segundo informações fornecidas pelos próprios carreiros sobre a confecção dos veículos.

Estes elementos que compõem a estrutura de um veículo de tração bovina têm nomes que podem variar de acordo com a região.

De acordo com Turner (1974), os símbolos e rituais tem sempre um aspecto relevante pois elucidam, as experiências vivenciadas dentro das tribos africanas, demonstrando que cada uma vai ter o seu próprio ritual, são muito complexos, porém não importa ser com estruturas cognoscitivas diferentes, o que implica são as experiências culturais:

A vida “imaginativa” e “emocional” do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa. Faz parte de minha incumbência exatamente mostrar quanto pode ser rico e complexo o simbolismo dos ritos tribais. Também não é inteiramente correto falar da “estrutura de uma mentalidade diferente da nossa”. Não se trata de estruturas cognoscitivas diferentes, mas de uma idêntica estrutura cognoscitiva, articulando experiências culturais muito diversas (Turner, 1974, p.12).

As manifestações descritas por Turner (1974) são de uma lógica ou mentalidade radicalmente diferente da que se conhece no espaço goiano, mas como expressões complexas de uma mesma estrutura cognoscitiva humana, capaz de articular experiências culturais distintas. Essa perspectiva nos leva a valorizar a diversidade cultural sem recorrer a comparações hierárquicas ou reducionismos, reconhecendo que, por trás de práticas aparentemente exóticas, há processos mentais universais, moldados e expressos de maneiras específicas conforme cada contexto social. Assim, a análise do simbolismo ritual não apenas revela a complexidade das culturas estudadas, mas também ilumina dimensões comuns da experiência humana, reforçando a interconexão entre diversidade cultural e universalidade cognitiva

As normas simbólicas, por sua natureza institucionalmente flexível, não apenas preservam as tradições da cultura popular, como também permitem a incorporação de novas práticas. Esses costumes, portanto, desempenham um papel fundamental na construção de vínculos duradouros na sociedade, como exemplificado na figura abaixo, durante o desfile em Petrolina de Goiás.

Figura 9: Desfile dos carros de bois, Festa dos Carreiros

Fonte: Roberta Steward 25/05/2025

Normalmente a confecção da estrutura do carro de boi é de responsabilidade do interessado e proprietário dos animais, mas, há pessoas com maior conhecimento para a fabricação desses veículos de forma mais segura e eficiente.

As vestimentas, de quem toca os bois no desfile de Petrolina foram patrocinadas pela Prefeitura com camisas com a logomarca da festa, foram mais de cem camisas doadas no momento do desfile. A doação para cada carreiro ou chefe da comitiva no momento do desfile é pessoal e cabe aos funcionários da prefeitura o catalogar e distribuir os números dos carros presentes no evento.

A cada desfile, evidencia-se a oportunidade de analisar e compreender aspectos significativos do universo rural, manifestados por meio da tradição e da ancestralidade. Muitos carreiros dedicam-se a essa prática há mais de quatro décadas, conforme relatado pelo Sr. Dorival, natural de Petrolina de Goiás e proprietário da Fazenda Palmital, localizada na divisa entre Petrolina de Goiás e Ouro Verde, em entrevista concedida aos pesquisadores.

“São 47 anos que sou carreiro e devoto do Divino Pai Eterno, vou para Trindade-Go desde muito jovem, aprendi esse costume com meu pai e sigo adiante, tenho muito orgulho de ajudar a comitiva dos carreiros, sempre dou

pouso na minha fazenda, na volta dos desfiles, faço janta por minha conta sem ajuda de ninguém, eles e quem quiser minha casa está aberta em dia de pouso” (entrevista dia 25/05/2025).

Dessa maneira, evidencia-se a centralidade do valor do servir para o carreiro, que se manifesta na atenção e solidariedade para com o próximo, seja ele companheiro de trabalho na estrada ou na lavoura. Mesmo quando se trata de indivíduos provenientes de outro município ou de fazendas distantes, o carreiro demonstra disposição e satisfação em oferecer sua residência como local de repouso, refletindo práticas de hospitalidade enraizadas na tradição rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As simbolizações presentes nas festas rurais são capazes de entrelaçar paisagem e tempo, atribuindo-lhes novos sentidos. As festividades proporcionadas pelos desfiles dos carreiros são capazes de mobilizar memórias, rituais e práticas culturais, transformando espaços físicos em lugares carregados de significados. Essa transformação não são apenas material, mas simbólica, pois decorrem das vivências coletiva, das narrativas compartilhadas e das representações que a comunidade produz sobre si mesma e sobre o espaço que ocupa (ALMEIDA, 2005, p. 50).

Desse modo, os carreiros peregrinos da fé, simbolizam mediadores entre o mundo real e sua interpretação social, permitindo que o rural e o urbano dialoguem por meio de linguagens simbólicas. As paisagens, assim, deixam de ser meros cenários e passam a ser compreendidas como expressões de identidade e resistência rural, revelando processos de valorização, continuidade e atualização das tradições. Essa perspectiva reforça a ideia de que o espaço rural não é estático, mas dinâmico, sendo constantemente ressignificado pelas práticas sociais que nele ocorrem.

A tradição de percorrer trajetos com veículos de tração bovina possui mais de dois séculos de história no interior goiano, constituindo um importante espaço de manifestação da cultura popular rural. Durante essas peregrinações, práticas significativas são reveladas e reafirmadas, envolvendo participantes, espectadores e aqueles que se dedicam à comercialização de animais e suprimentos, assegurando a realização tranquila e organizada de cada evento.

A comercialização de bois e de carros de boi, em particular, assume papel central na dinâmica dos eventos, envolvendo tanto a preparação das comitivas quanto negociações posteriores. Trata-se de um elemento relevante para os carreiros, pois influencia a escolha dos animais e a logística do trajeto, fortalecendo laços entre tradição, economia local e planejamento dos recursos.

No que se refere à construção identitária, observam-se diferentes grupos de carreiros concentrados nos municípios de Petrolina de Goiás e Pirenópolis, abrangendo diversas fazendas em territórios extensos. Cada agrupamento se apresenta de forma peculiar, com comitivas individualizadas por adereços, vestimentas e identificação dos carros de boi, reforçando a demarcação identitária característica da sociedade interiorana goiana e evidenciando a pluralidade de experiências culturais presentes.

Nesse contexto, emerge as respostas do problema, sobre os fatores que motivaram o ressurgimento das comitivas de carros de boi nas cidades em análise.

Em resposta, esses eventos festivos são pautados pelas lógicas sociais contemporâneas, passando por uma atualização intensa e específica. Uma das explicações relaciona-se à identidade do povo meiapontense e petrolinense, que se manifesta precisamente na diferença: quando questionada, tende a se reafirmar. Essa dinâmica social, observada por Guy Di Meo (2001), oferece uma perspectiva para compreender a reaparição das comitivas. A consolidação desse evento evidencia, ainda, uma ligação simbólica com o mito fundador da sociedade ruralizada, representado de forma nostálgica por meio do desfile dos carros de boi.

As carreatas atuam como instrumentos de preservação de saberes, ofícios e práticas rurais, estruturando e reforçando a identidade camponesa. Nesse sentido, elas mantêm vivos os vínculos das comunidades com seu passado, consolidando narrativas, rituais e conhecimentos tradicionais que caracterizam a cultura interiorana.

Pode ser compreendido a partir de uma articulação complexa de fatores culturais, sociais e simbólicos, que transcendem o simples resgate de tradições. Essa retomada não se limita à preservação do passado, mas envolve processos de reelaboração, visibilidade social e fortalecimento do sentimento de pertença, os quais consolidam a relevância desses eventos na contemporaneidade.

Originalmente vinculados ao trabalho rural e à produção agrícola, esses veículos adquiriram novos significados, associados à fé, à religiosidade popular e à celebração coletiva. Essa transformação simbólica potencializa o interesse contemporâneo pelas manifestações culturais, ao mesmo tempo em que preserva traços históricos e identitários.

Portanto, a integração entre espaços rurais e urbanos também contribui para o ressurgimento das carreatas. Os desfiles promovem encontros sociais e culturais nos quais moradores urbanos reconhecem e valorizam tradições rurais, enquanto os camponeses consolidam sua visibilidade, prestígio social e capacidade de representação simbólica perante diferentes públicos.

As cidades receptivas celebram os carreiros com rituais religiosos e manifestações culturais, como rezas, missas e bênçãos conduzidas pelo pároco local. Esses momentos conferem significado solene ao desfile, articulando devoção, vida comunitária e memória rural, ao mesmo tempo em que fortalecem o vínculo entre moradores e visitantes com a tradição camponesa.

Os carros de boi, ao longo do tempo, assumem múltiplos significados simbólicos. Para alguns, remetem ao trabalho e à vida no campo; para outros, representam a fé e a religiosidade. Apesar da transição do âmbito produtivo para o contexto da peregrinação religiosa, esses veículos preservam laços de continuidade e ancestralidade, conectando passado e presente de maneira simbólica e identitária.

A organização das comitivas evidencia a coesão e a resiliência dos carreiros, cuja participação exige esforço físico e dedicação, sustentados por sentimentos de união, fé e pertencimento. Elementos como varas de ferrão, chapéus, vestimentas e a liturgia típica do meio rural configuram marcadores identitários que fortalecem os laços sociais e culturais entre os participantes, vinculando-os ao santo padroeiro e ao espaço por eles ocupado.

A dimensão familiar se revela central durante as peregrinações, com divisão clara de responsabilidades entre homens e mulheres. Os primeiros cuidam da montagem e desmontagem do acampamento e do manejo dos animais, enquanto as mulheres se dedicam aos afazeres alimentares e ao cuidado dos filhos. Nessa perspectiva, o carro de boi emerge como símbolo de unidade familiar, solidariedade e continuidade de valores, reforçando a centralidade da coletividade na prática religiosa.

Em síntese, os desfiles de carros de boi promovem trocas culturais significativas, consolidam identidades e reafirmam tradições rurais. Mesmo diante das mudanças sociais e tecnológicas, essas peregrinações continuam a representar memória, ancestralidade e religiosidade, evidenciando a persistência e a relevância da cultura camponesa no cerrado goiano e a capacidade de seus protagonistas de ressignificarem práticas históricas em contextos contemporâneos.

Preservar, compartilhar, evidenciar e apoiar as práticas associadas aos carros de boi configura uma ação fundamental para salvaguardar saberes, ofícios e valores que estruturam a identidade camponesa interiorana de Goiás. Essas práticas fortalecem a continuidade histórica e cultural em um contexto marcado por intensas transformações sociais, econômicas e culturais garantindo que a memória coletiva seja reconhecida, valorizada e transmitida às futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda **Festas rurais e turismo em territórios emergentes**. Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº 918, 15 de abril de 2011.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa a brasileira**: significados do festejar no “país que não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Ciências/ Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

AQUINO, Valéria Leite de. **Peregrinos do pai eterno**: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade – GO. (Dissertação de Mestrado), UFRJ. 2007.

BRANDÃO, José Carlos. Prece e folia, festa e romaria. Ed. Ideias e letras. 2010.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura da Rua**. Campinas: Ed. Papirus, 1989.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**: Ou o ofício do historiador. São Paulo: Ed. Zahar, 2002.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. 5^a Ed. UFG, 1988.

D'ABADIA, Maria Idelma. **Diversidade e identidade religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO.** Tese, 2010.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro, 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary, **Festas e utopias do Brasil colonial.** São Paulo: Brasiliense, 2002.

DI MÉO, Guy. **A Geografia nas Festas.** Cap. 2: Festa e construção simbólica do território Tradução: Elisa Bárbara Vieira D'Abadia, sob a supervisão teórica da Profª Drª Maria Idelma Vieira D'Abadia.

ELIADE, Micea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: WMF Martins Pontes, 2018

HOBSBAWN, Eric 1917-2012, Terence Ranger (organizadores)– **A invenção das Tradições**/tradução de Celina Cardim Cavalcante – 11^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz&Terra, 2017.

JAYME, Jarbas; JAYME, José Sisenando. **Casas de Deus e Casas dos Mortos.** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002. v. 1.

KARNAL, Leandro. **Santos fortes:** raízes do sagrado no Brasil. Ed. Anfiteatro, 2017.

LEMOS, Carlos A.C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

NOGUEIRA, Wilson Cavalcanti. **Mestre carreiro.** Goiânia: Instituto Goiano de Folclore, 1980.

TURNER, Victor W. **O processo ritual:** estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

RIBEIRO, Maria Cristina Campos. **Mutirões camponeiros:** trabalho, devoção e festa em Pirenópolis, Goiás. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

Artigo recebido em: 05 de junho de 2025.

Artigo aceito em: 05 de outubro de 2025.

Artigo publicado em: 06 de dezembro de 2025.